



Resenhas

SANTANA, D. *O Deus de carne: uma introdução a cristologia*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2009. 86pp.

ESCANDALIZA-TE OU CRÊ

Silas Fiorotti¹

O nosso amigo Diogo Santana é um estudante de filosofia e escritor, autor do livro *Fé e anarquia cristã* (2007). No livro *O Deus de carne* ele se propôs a falar sobre a pessoa mais extraordinária que passou pelo mundo, Jesus de Nazaré – seu nascimento, sua morte e ressurreição. Uma história que nos dá esperança para continuar lutando, uma história que nos emociona por ser a expressão mais forte do ato de amar. E gostamos muito do que encontramos nele, principalmente porque o escândalo da cruz está presente (cf. Gl 3.13). A páscoa cristã passa necessariamente por uma cruz vulgar.

Emocionamo-nos com as palavras do Diogo, quando ele diz que o nascimento de Jesus (Deus se fez carne) significa que

O céu desceu até nós para fazer justiça aos homens simples do campo, de ontem e de hoje, humildes pastores de ovelhas e criadores de gado; e quando esse menino se tornar um homem dará o céu também aos doentes e excomungados pela lei e mortos pela letra, aos encarcerados, aos famintos de pão e de eternidade, as prostitutas, adúlteras e todas as mulheres subjugadas, a todo tipo de criminoso arrependido -

¹ Silas Fiorotti participa do Coletivo por uma Espiritualidade Libertária, é bacharel em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP) e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: silas.fiorotti@gmail.com.



o céu será um lugar de crianças, onde todos os adultos serão expulsos e crescer será apenas um pesadelo que já passou, contudo, é preciso crer e crer com paixão, de elevar a vida acima da perenidade do mundo. (p. 31)

Um paradoxo, o próprio Deus se torna criatura, e nos mostra o ideal de humanidade, ele verdadeiramente foi um ser humano, pessoal, único,

o único homem legitimamente humano, por isso ele é a verdade, uma verdade (ser), que nenhum homem tem, por isso ele é legitimamente Deus. (p. 41)

Jesus morreu. O Diogo destaca que “todos nós o matamos”, mas também fala da “responsabilidade de Deus na morte de Jesus”. Na nossa opinião, quando ele fala dessa responsabilidade, parece que Deus foi injusto com seu filho, afinal de contas, que pai enviaria seu filho para morrer? – e já vejo o Diogo dizendo que Kierkegaard critica essa ética universalista. Mas Jesus se entregou por nossos pecados (cf. Gl 1.4), ele foi até as últimas consequências por amor. Entendemos que seja apropriado nos afastarmos de uma visão sacrificialista e pensarmos na morte de Jesus como martírio que contém por um lado o seu assassinato e por outro a sua doação.

“Não se trata, porém, de pensar na cruz, mas de passar por ela” (p. 61). Sim, e também poderíamos dizer que não se trata de carregar a cruz ou o madeiro, porque nem mesmo Jesus fez isso (foi o Simão cireneu - cf. Mt 27.32), mas de morreremos na cruz com Jesus.

O conceito de culpa que o Diogo apresenta é o mesmo de angústia religiosa em Kierkegaard – aqui visualizamos a conversão (a Deus e aos pobres), ele diz:

O sentimento de culpa diante da cruz, do sofrimento de Cristo, da igreja, do próximo e do mundo, é a fonte pela qual Deus oferece o seu perdão, pois a culpa nada mais é do que o sentimento de responsabilidade diante do sofrimento alheio. (p. 62)

Jesus ressuscitou!! – “o fim sempre é um novo começo”. A sua ressurreição é “uma nova criação da parte de Deus”, ela permite uma profunda reflexão sobre a relação entre fé e história. E diante dela a tensão: escandaliza-te ou crê!!

a fé evangélica não se limita a uma exigência de transformação social e de crítica aos paradigmas que justificam a exploração e a desigualdade, mas também e acima de tudo, que tal transformação seja oriunda de uma reforma na identidade dos homens, (...) que os homens também mudem individualmente, (...) mais importante do que o desenvolvimento social e a justiça em si, é que tais iniciativas sejam oriundas de um coração que não seja alheio ou indiferente a tais transformações sociais, passivo, mas atuante no mundo como agente transformador. (p. 73)

E glória a Deus por sua graça, sendo que Jesus nos libertou para sermos verdadeiramente livres (cf. Gl 5.1):

o sentido da graça: a infinita misericórdia de Deus possibilita uma escolha ao homem: continuar no pecado (lembrando que o pecado não se limita a uma conduta moral) ao mesmo tempo em poder pertencer a uma comunidade cristã (banalizando assim a sua liberdade) ou tornar sua consciência responsável o suficiente para um contínuo exercício de avaliação moral diante de Deus. (pp. 75-76)



Referências bibliográficas

SANTANA, D. (2007), *Fé e anarquia cristã*. Corifeu.

TEPEDINO, A. M. (org.). *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das igrejas*. São Paulo: Paulinas, 2007. 240pp.

PELOS CAMINHOS DO ESPÍRITO: DA BÍBLIA À CONTEMPORANEIDADE

Mônica Baptista Campos²

O livro *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das igrejas* reúne nove reflexões organizadas pela professora Ana Maria Tepedino após o término de um curso de pós-graduação em Teologia na PUC-Rio.

A obra surge da inquietação dos-as autores-as diante do atual quadro religioso. Se por um lado há forte indiferença e secularismo, de outro há uma forte efervescência de movimentos pentecostais, principalmente no Brasil. O fato de o grupo reunir pessoas de diferentes denominações religiosas – quatro católicos-as, um luterano, dois batistas e um congregacional – entre leigos-as e pastores gera uma diversidade de “olhares” que enriquece a perspectiva teológica que se realiza a partir do diálogo ecumênico sem perder a unidade e o foco principal que norteia todos os artigos – o Espírito Santo.

² Mônica Baptista Campos é bacharel em Comunicação Social, bacharel em Teologia e mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). E-mail: monica.b.c@uol.com.br.

À luz da teologia, o livro empreende uma trajetória – através dos textos – que se inicia na tradição da Sagrada Escritura e perpassa as tradições das igrejas. Neste sentido, busca oferecer critérios para o discernimento cristão, bem como uma proposta de esclarecimento/entendimento da relação entre o contexto social, o tempo histórico e a resposta do ser humano na fé.

Amor e discernimento é composto de quatro blocos de textos que apresentam um desenvolvimento histórico-teológico da pneumatologia. Os textos do Frei Carlos Mesters e da professora Ana Maria Tepedino, leiga católica, abrem o primeiro bloco apresentando a fundamentação bíblica para a reflexão pneumatológica. O artigo de Mesters – *Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia* – articula quatro níveis para falar sobre o Espírito: a descrição da experiência, o esforço de compreensão, o esforço do discernimento e, por último, a origem e destino do rumo do Espírito. O artigo da professora Ana Maria traz a reflexão sobre a experiência da comunidade joanina – *Das trevas da angústia à consolação do amor: experiência de fé da comunidade joanina inspirada pelo Espírito Santo*. Marcada por fortes conflitos, esta comunidade experimenta o *Ágape*, amor que é prática efetiva de vida e que a faz encarnar-se cada vez mais no mundo.

No segundo bloco, os artigos trazem à memória o horizonte e a compreensão da Patrística, através do texto de César Augusto Kuzma, leigo católico – *Da experiência à razão: a compreensão pneumatológica em santo Agostinho* – e da Idade Média, através da reflexão de M. Bernardino Filho, pastor congregacional – *Escatologia e*

apocalíptica em Joaquim de Fore: uma leitura crítica do tertium testamentum.

O terceiro bloco adentra no horizonte da modernidade. O pastor luterano Antonio Carlos Ribeiro reflete em seu artigo *O Espírito na eclesiologia protestante*, a partir da perspectiva de Lutero, sobre a ação do Espírito na vida das comunidades eclesiais independentes, sem a tutela institucional, e como estas comunidades refletem a resposta da fé no contexto latino-americano. Complementa este bloco de abordagens protestantes, o texto do pastor batista Alessandro Rodrigues Rocha – *A dimensão carismático-libertadora da pneumatologia protestante: uma perspectiva marginal* – que articula a tensão entre as estruturas eclesiásticas e a ação desestruturadora do Espírito dentro do protestantismo; abordado a partir de 3 movimentos: o anabatismo, especialmente de Thomas Müntzer, o metodismo de John Wesley e o pentecostalismo liderado por William Seymour.

No quarto bloco, a reflexão está centrada sobre os elementos e/ou movimentos da contemporaneidade. O neopentecostalismo, especialmente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é tema principal do artigo *Neopentecostalismo – lugar paradoxal: pode o Espírito soprar aí?* do pastor batista Delambre de Oliveira. A teóloga leiga católica Eva Aparecida Rezende de Moraes traz uma reflexão que tem como ponto de partida o Vaticano II e o pensamento de Yves Congar para apontar critérios-sinais do sopro do Espírito nos dias atuais. O texto que finaliza este bloco é do teólogo leigo católico César Azevedo Carneiro – *Renovação Carismática Católica: experiência de um movimento pentecostal no seio da Igreja Católica*, que apresenta



os aspectos históricos da RCC, os seus objetivos, propostas, linguagem e num segundo momento, faz uma leitura teológica desse movimento.

Com toda “experiência e razão”, na apresentação de *Amor e discernimento*, Ana Maria Tepedino explica porque utiliza o-a ou os-as para expressar o masculino e feminino. Segundo a professora, os-as matemáticos-as ensinam que o traço de fração (a/o) indica subordinação entre o numerador e o denominador. Como representante da primeira geração de teólogas latino-americanas feministas e libertadoras, ela não poderia deixar de atentar para esta nova articulação e adotá-la na escrita teológica.

Sem dúvida, a obra expressa o rigor teológico necessário, presente desde a sua concepção, metodologia e conclusões, para que o diálogo ecumênico seja efetivamente fecundo e produza bons frutos, mas sobretudo, o livro é de fácil assimilação, permitindo aos leitores-as um vasto “panorama” pneumatológico que vai desde a Bíblia até os tempos atuais.